



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

BÁRBARA BEATRIZ SUASSUNA AZEVEDO

**OS DISCURSOS RELACIONADOS À MEDICALIZAÇÃO DO CORPO GORDO
FEMININO ATRAVÉS DO USO DO OZEMPIC EM COMENTÁRIOS DO
INSTAGRAM DA REVISTA VEJA**

**PATU – RN
2024**

BÁRBARA BEATRIZ SUASSUNA AZEVEDO

**OS DISCURSOS RELACIONADOS À MEDICALIZAÇÃO DO CORPO GORDO
FEMININO ATRAVÉS DO USO DO OZEMPIC EM COMENTÁRIOS DO
INSTAGRAM DA REVISTA VEJA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus Avançado de Patu– CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana
Fernandes Nery

PATU-RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A994d Azevedo, Bárbara Beatriz Suassuna

Os discursos relacionados à medicalização do corpo gordo feminino através do uso do ozempic em comentários do Instagram da Revista Veja. / Bárbara Beatriz Suassuna Azevedo. - Patu, 2024.

52p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Discurso. 2. Corpo feminino. 3. Medicalização. 4. Poder. 5. Vontade de verdade. I. Nery, Luciana Fernandes.
II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

BÁRBARA BEATRIZ SUASSUNA AZEVEDO

**OS DISCURSOS RELACIONADOS À MEDICALIZAÇÃO DO CORPO GORDO
FEMININO ATRAVÉS DO USO DO OZEMPIC EM COMENTÁRIOS DO
INSTAGRAM DA REVISTA VEJA**

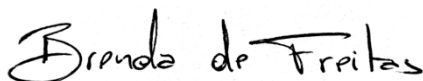
Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras- Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Aprovado em 05/12/2024

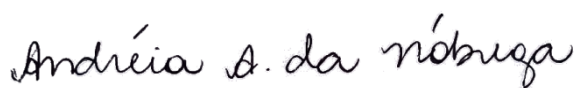
Banca Examinadora



Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Profa. Ma. Brenda de Freitas
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Profa. Ma. Andreia Araújo da Nóbrega
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos, expressando meu eterno reconhecimento ao Senhor Jesus, que nunca me desamparou, que me protege, que me ajuda a superar todos os meus medos, me dá forças para enfrentar todas as adversidades da vida. Não me canso de dizer o quanto sou abençoada, por ter conseguido chegar até aqui. Enquanto muitos descreditaram de mim, o Senhor me dizia em minhas orações que eu conseguiria. Só me bastava ter fé e foi isso que fiz, entreguei em tuas mãos minha vida e tudo se realizou.

Também não poderia deixar de agradecer a minha mãezinha, que tem sido minha intercessora, que cuida tão bem de mim e nunca me negou ajuda. A Nossa Senhora dos Impossíveis, consagro minha vida. Sinto sua presença em cada detalhe, a cada graça alcançada. Nos momentos em que eu pensei em desistir, a Senhora sempre foi meu refúgio, me ensinado que é necessário passar pelas adversidades, para que a vitória seja conquistada.

Aos meus pais Nixon e Patrícia! Minha eterna gratidão, por terem batalhado, para que nunca deixasse faltar nada para meu irmão e para mim, por sempre terem me incentivado aos bons caminhos, por acreditarem e apoiarem em todos meus sonhos. Vocês são meus exemplos de garra e perseverança! Espero que um dia eu consiga retribuir tudo o que vocês já fizeram por mim. Rogo a Deus que os proteja e lhes concedam muitos anos de vida, para possam sempre se fazerem presentes em minha vida. Dedico esta e muitas outras vitórias que serão conquistadas a vocês. Amo-os infinitamente.

A meu namorado e parceiro de faculdade, Matheus! Agradeço por sempre me apoiar, por toda paciência, carinho e amor que tens comigo. Você é meu ponto de paz em momentos turbulentos. Sou imensamente grata por tudo o que você fez por mim. Juntos dividimos alegrias, medos, conquistas, durante nosso percurso na universidade. Meu coração se encontra cheio de alegria por termos conseguido vencer essa batalha juntos.

A todos os que fazem parte do Campus Avançado de Patu, pelo acolhimento e oportunidades oferecidas. Agradeço a todas amizades que construí durante o curso, que levarei para toda a vida. A minha orientadora, Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery, por sua ajuda, em sempre aconselhar os bons caminhos para a conclusão desse trabalho.

Agradeço também as professoras Brenda de Freitas e Andreia Araújo Nóbrega por ter aceitado participar da banca examinadora deste trabalho.

RESUMO

Os novos métodos que possibilitam o emagrecimento têm tomado destaque na indústria da moda, tendo em vista que sua utilização possibilita a perda de peso de forma rápida. O medicamento injetável *ozempic* é um método que promete o emagrecimento rápido, apesar de que pode causar danos irreversíveis a saúde dos corpos. Mulheres que estão acima do peso, buscam utilizar esse medicamento, devido a sua eficácia, pois sentem a necessidade de emagrecer seus corpos para serem aceitas pela sociedade, que idealiza que apenas os corpos magros são considerados como belos. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar os discursos sobre a medicalização do corpo gordo feminino através do uso do *ozempic* em comentários do *Instagram* da revista *Veja*. Como objetivos específicos, pretendemos: compreender as estratégias discursivas utilizadas na construção de discursos sobre a medicalização do corpo gordo feminino; identificar as condições de possibilidade em que emergem os discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos e investigar como as relações de poder e as vontades de verdade presentes na sociedade podem influenciar na medicalização dos corpos gordos femininos. O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa com cunho descritivo-interpretativista. A pesquisa teve como base teórica, Foucault (2007, 2008, 2014, 2015) que trata sobre as concepções de discurso e as relações de poder; Vieira (2020), Pereira (2021), Goellner (2015) para falar sobre o corpo, dentre outros. Para a constituição do corpus, selecionamos uma postagem da revista *Veja* sobre o uso do *ozempic* e nove comentários relacionados à matéria publicada. Após a realização da análise, é possível afirmar que esta pesquisa contribuiu para compreender a ligação entre a medicalização do corpo feminino e as relações de poder que são impostas pela sociedade aos corpos, além da necessidade de conhecer e apoiar as lutas que as mulheres enfrentam sobre o direito ao seu próprio corpo.

Palavras-chave: Discurso; Corpo feminino; Medicalização; Poder; Vontade de verdade.

ABSTRACT

The new methods enabling weight loss to have gained prominence in the fashion industry, as their use facilitates rapid weight loss. The injectable medication Ozempic is one such method that promises quick weight loss, though it can cause irreversible health damage. Women who are overweight often seek to use this medication due to its effectiveness, as they feel the need to lose weight to be accepted by a society that idealizes thin bodies as beautiful. Therefore, this research aims to analyze the discourses on the medicalization of the female fat body through the use of Ozempic in comments on Instagram posts by *Veja* magazine. As specific objectives, we intend: to understand the discursive strategies used in constructing discourses on the medicalization of the female fat body; to identify the conditions of possibility under which discourses on the medicalization of female fat bodies emerge; and to investigate how power relations and the wills of truth present in society can influence the medicalization of female fat bodies. This study adopts a qualitative approach with a descriptive-interpretative orientation. The theoretical foundation is based on Foucault (2007, 2008, 2014, 2015), focusing on the concepts of discourse and power relations, and on Vieira (2020), Pereira (2021), and Goellner (2015) for discussions on the body, among others. For the corpus constitution, a post by *Veja* magazine about the use of Ozempic and nine comments related to the published article were selected. After conducting the analysis, it is possible to affirm that this research contributes to understanding the connection between the medicalization of the female body and the power relations imposed by society on bodies, it also highlights the importance of understanding and supporting the struggles women face regarding the right to your own bodies.

Keywords: Discourse; Female body; Medicalization; Power; Will to truth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Corpo da influenciadora Virginia Fonseca.....	25
Figura 2 – <i>Ozempic</i> e seus riscos.....	28
Figura 3 – O remédio que emagrece.....	30
Figura 4 – O <i>ozempic</i> como método de emagrecimento.....	34
Figura 5 – Comentário 1.....	35
Figura 6 – Comentário 2.....	37
Figura 7 – Comentário 3.....	38
Figura 8 – Comentário 4.....	40
Figura 9 – Comentário 5.....	41
Figura 10 – Comentário 6.....	43
Figura 11 – Comentário 7.....	45
Figura 12 – Comentário 8.....	46
Figura 13 – Comentário 9.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DISCURSOS, PODER E CORPO: PERSPECTIVAS FOUCAULTIANAS SOBRE A MEDICALIZAÇÃO E O EMAGRECIMENTO FEMININO.....	15
2.1 A noção de discurso e enunciado nos Estudos Foucaultianos.....	15
2.2 As relações de poder e verdade.....	18
2.3 O corpo feminino: exigências, medicalização e emagrecimento.....	22
3 A MEDICALIZAÇÃO DOS CORPOS GORDOS FEMININOS: UMA INVESTIGAÇÃO EM COMENTÁRIOS NO POST DO PERFIL DA REVISTA VEJA.....	32
3.1 As estratégias discursivas sobre a medicalização dos corpos através dos novos métodos de emagrecimento.....	33
3.2 As condições de possibilidade dos discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos.....	39
3.3 Poder e Verdade: a influência na medicalização dos corpos gordos femininos.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

O surgimento de novos métodos que possibilitam o emagrecimento tem ganhado destaque no mercado prometendo estratégias milagrosas para a perda de peso. Um exemplo disso são os medicamentos injetáveis, como o *ozempic* e o *wegovy*, que anunciam o emagrecimento com maior rapidez. Embora seja um medicamento utilizado para o controle do diabetes, o *ozempic* tornou-se um método inovador, por possibilitar o emagrecimento rápido sem a necessidade da realização de dietas rigorosas e/ou de cirurgias plásticas.

As mulheres que estão acima do peso tendem a serem as principais usuárias desses métodos de emagrecimento, por possuírem dificuldades no processo de perda de peso e pela necessidade de serem aceitas pelos padrões impostos pela sociedade em que o corpo magro ainda é considerado como o padrão ideal. A grande procura por *ozempic* fez com que a busca pelo medicamento tomasse maiores proporções, causando preocupação entre os médicos por sua utilização de forma indevida, pois muitos sujeitos começaram a usar sem prescrição médica ou acompanhamento com nutricionistas, abusando do uso do medicamento, podendo causar danos irreversíveis à saúde. Além da redução de gordura, o *ozempic* causa a perda de massa magra e algumas vitaminas que são fundamentais para o funcionamento do corpo. De acordo com artigo publicado jornal *The New England Journal of Medicine* que foi citado em uma matéria do CNN Brasil:

Um estudo feito com o Ozempic publicado em 2021 mostrou que, após 68 semanas de medicação, 86,4% dos participantes perderam 5% ou mais do peso corporal. Apesar de isso estar relacionado ao emagrecimento, a perda de peso corporal também pode diminuir a massa muscular e a densidade óssea, podendo levar à sarcopenia (perda gradual de massa muscular, força e função¹).

Com esses dados, percebe-se a necessidade em evidenciar a importância do acompanhamento médico e a necessidade de saber se realmente é necessária a utilização do *ozempic*, pois, este medicamento tem sido utilizado, frequentemente, para fins estéticos com o intuito de buscar um padrão ideal imposto pela sociedade.

¹ Maraccini, Gabriela. “Cabeça de Ozempic”: Entenda consequências do uso do remédio para emagrecer.” CNN Brasil, 2 Apr. 2024. Disponível em: www.cnnbrasil.com.br/saude/cabeça-de-ozempic-entenda-consequencias-do-uso-do-remedio-para-emagrecer/. Acesso em: 17 de junho 2024.

Com a repercussão do aumento pela procura do *ozempic*, veículos midiáticos como o *Instagram* tem se tornado um grande aliado na propagação de discursos que alertam sobre os danos à saúde que o uso excessivo da medicação pode causar. Nesse contexto, o perfil da revista *Veja* tem apresentado ao público matérias relacionadas à utilização do *ozempic*, que são postadas com o intuito de alertar os efeitos colaterais, advertir sobre o uso exagerado e sobre o fato de que não são todas as pessoas que podem fazer uso da medicação. A disseminação desses discursos está diretamente relacionada com as relações de poder sobre os corpos, pois se faz necessário a utilização das estratégias discursivas para chamar a atenção do uso desenfreado desse medicamento.

Diante do exposto, a presente pesquisa elege como problemática os discursos sobre a medicalização do corpo gordo feminino através do uso do *ozempic* em comentários no *Instagram* publicados a partir do perfil da revista *Veja*, que podem influenciar no padrão estético feminino. Perante o problema de pesquisa apresentado, partimos dos seguintes questionamentos: a) Que estratégias discursivas são utilizadas em comentários do *Instagram* da revista *Veja* para alertar os sujeitos sobre o uso indevido do *ozempic*? b) Quais as condições de possibilidade em que emergem os discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos? c) Como as relações de poder impostas pela sociedade podem influenciar na medicalização dos corpos gordos femininos através do uso do *ozempic*?

Diante do que foi apresentado, elencamos os seguintes objetivos:

Geral:

- Analisar os discursos sobre a medicalização do corpo gordo feminino através do uso do *ozempic* em comentários do *Instagram* da revista *Veja*.

Específicos:

- Compreender as estratégias discursivas utilizadas na construção de discursos sobre a medicalização do corpo gordo feminino;
- Identificar as condições de possibilidade em que emergem os discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos;
- Investigar como as relações de poder e as vontades de verdade presentes na sociedade podem influenciar na medicalização dos corpos gordos femininos.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de discutir sobre a construção dos discursos relacionados à medicalização do corpo gordo feminino com o uso do *ozempic* através de comentários no perfil do *Instagram* da Revista Veja, que tem como objetivo alertar os sujeitos sobre o uso indevido do medicamento. Ademais, na qualidade de pesquisadora, mulher e possuindo o corpo gordo, que já foi vítima de gordofobia, manifesto interesse em entender como são disseminados os discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos no *Instagram* através do uso do *ozempic*.

Além disso, entendemos que medicalização do corpo gordo feminino é uma questão social que interfere diretamente nas condições de vida dos sujeitos. Os relatos das experiências daqueles que fizeram uso do *ozempic* mostram a necessidade de estudos que evidenciem que o uso de forma incorreta é altamente perigoso. A construção desses discursos evidencia a importância social desses comentários que possibilitam que os usuários do *ozempic* entendam a importância do acompanhamento médico para o uso de forma correta.

A seleção do *corpus* deste trabalho se deu através de um *post* no *Instagram* do perfil da Revista Veja, escolhido por se tratar de um assunto que tem chamado a atenção por sua grande repercussão no cenário nacional. A publicação foi feita no dia 08 de abril de 2023, possuindo 303 comentários. Dessa postagem, selecionamos 09 comentários, por tratar de relatos de sujeitos que fizeram uso do medicamento. Além disso, selecionamos o pronunciamento de um médico que fala sobre o caso. A escolha do perfil se deu pela credibilidade aos fatos postados e por sua quantidade de seguidores (cerca de 2,3 milhões).

A pesquisa supracitada tem como campo central de investigação a análise do discurso sob um viés foucaultiano, a fim de entender a propagação de discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos no meio midiático e sua importância no processo de conscientização sobre o uso do *ozempic*.

A metodologia do presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa com cunho descritivo-interpretativista. Segundo Sacoal (2009), este tipo de pesquisa não é apenas uma investigação dos fatos, mas também a interpretação do pesquisador sobre a visão dos indivíduos que participaram de um acontecimento. Essa abordagem é de suma importância para a análise do *corpus* e as possíveis reflexões sobre as discussões elencadas por Foucault (2007, 2008, 2014, 2015), principalmente no que concerne às relações de poder sobre os corpos femininos. De

acordo com a fonte de dados, a pesquisa apresenta cunho documental, pois utilizamos para análise os comentários do perfil da Revista Veja no *Instagram*.

O presente trabalho apresenta a seguinte estrutura: no primeiro capítulo, apresentamos a introdução, situando o leitor sobre algumas noções sobre o corpo feminino e seu processo de emagrecimento. O segundo capítulo, intitulado *“Discursos, poder e corpo: perspectivas foucaultianas sobre medicalização e emagrecimento feminino”* tratará das questões do corpo e da medicalização, tendo como aporte teórico Foucault (2007, 2008, 2014, 2015) que trata sobre as concepções do discurso e as relações de poder; Vieira (2020), Pereira (2021), Goellner (2015) para falar sobre o corpo, dentre outros.

O terceiro capítulo, intitulado *“Medicalização dos corpos gordos femininos: uma investigação em comentários no post do perfil da Revista Veja”*, visa analisar como os discursos sobre a medicalização são propagados nas interações digitais, proporcionando uma compreensão crítica das narrativas que emergem desses comentários. Para finalizar são apresentadas as considerações finais e referências que foram indispensáveis para a realização do presente estudo.

Diante disso, a presente pesquisa pretende contribuir com os Estudos Discursivos Foucaultianos, para que os discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos possam ser debatidos com maior intensidade. O estudo também será de suma importância para os pesquisadores que busquem compreender sobre as relações de poder exercida sobre os corpos gordos femininos.

2 DISCURSOS, PODER E CORPO: PERSPECTIVAS FOUCAULTIANAS SOBRE A MEDICALIZAÇÃO E O EMAGRECIMENTO FEMININO

Este capítulo busca responder a questionamentos fundamentais sobre os estudos do discurso e suas categorias de análise. Os estudos discursivos, de natureza interdisciplinar, permitem uma compreensão das dinâmicas perpassadas através da construção de sentidos e práticas comunicativas. Tais análises, situadas em um campo crítico e dialógico, consideram a linguagem como um espaço de interação onde se confrontam ideologias e relações de poder, ao invés de um sistema fixo e autônomo.

Diante desse panorama, nossa abordagem teórica visa estabelecer uma base sólida para a análise do *corpus*, destacando que os discursos são moldados por contextos históricos, culturais e políticos. A partir dessa perspectiva, buscamos identificar e examinar as estratégias discursivas que reforçam, desafiam ou transformam normatividades, revelando como se articulam os sentidos que influenciam ou refletem as estruturas sociais em vigor.

Com isso, abordaremos nos tópicos a seguir sobre os pressupostos dos estudos foucaultianos e nos adentraremos nas noções dos discursos e enunciados, além de tratarmos das relações de poder e verdade, do corpo feminino e do processo de medicalização através do uso do *ozempic*.

2.1 A noção de discurso e enunciado nos Estudos Foucaultianos

O discurso em sua materialidade, por muitas vezes, é visto como uma fala, ou um conjunto de palavras que possuem sentido. Entretanto, a noção do discurso na perspectiva foucaultiana, possibilita entender a sua construção e o porquê de sua escolha. Durante as vivências dos sujeitos, os discursos já ditos carregam sentidos, que possibilita uma visão que vai além de uma materialidade linguística. Nesse sentido, o discurso:

Não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso

cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. (Fernandes, 2007, p. 12)

Neste sentido, discursos não são apenas transmissores de informações ou estão firmados em determinado acontecimento isolado. A análise do discurso investiga os sentidos que a linguagem produz em uma determinada sociedade e suas questões políticas, sociais e históricas, além de focar nas condições em que determinados discursos são produzidos. Diante disso, os discursos:

passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos da fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. (Foucault, 2014, p. 21)

O autor destaca que os discursos não se limitam ao momento em que são pronunciados; têm o poder de influenciar novos discursos, que são retomados, transformados ou comentados em diferentes contextos. Esses discursos são relevantes, geram impactos e são reinterpretados durante o passar do tempo, como se estivessem em processo de serem ditos novamente. Desse modo:

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhes permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços; na poeira dos livros (Foucault, 2014, p. 28)

O discurso é de natureza dinâmica e transitória, ancorado em contextos específicos que se transformam ao longo do tempo. Embora a materialidade discursiva possa ser repetida, esquecida ou apagada, deixa vestígios, mesmo que sejam mínimos. Portanto,

O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria; além do mais, uma história, um problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo determinado ponto do tempo, é, de parte a parte, histórico— fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (Foucault, 2008, p. 132-133)

Para o autor supracitado, o discurso não é uma forma estática, mas um processo contínuo, composto de acontecimentos reais e sucessivos, que não devem ser analisados fora do tempo em que foi construído. Desse modo é pertinente falar que o discurso é marcado por uma transitoriedade, pois sempre está sujeito ao tempo e ao processo socio-histórico em que é produzido. Assim, se faz necessário falar sobre o enunciado, que também é considerado um “objeto” do discurso, pois está centrado entre a materialidade e os sentidos que os discursos produzem.

Foucault (2008) afirma que os enunciados não se limitam as estruturas da linguagem, pois não são um conjunto de relações entre os elementos variáveis, e também não podem ser compreendidos como uma estrutura fixa. Além de não poder ser considerado como uma frase ou a ação de falar. Conforme é descrito pelo autor:

[...] O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato, se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).[...] (Foucault, 20p. 98)

O enunciado é visto como uma função de existência da língua, diretamente ligada aos signos. O autor define as categorias de conceitos, temas, objetos, e os tipos de enunciação, que estabelece as características de como é construído o discurso, e seus elementos de construção, que estabelecem a sua subsistência. Diante disso,

[...] enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva [...] (Foucault, 2008, p.43).

O referido autor apresenta a definição de formação discursiva e se refere ao modo como são organizados os discursos dentro de um sistema. Com isso, o autor apresenta a ideia de que o discurso não é apenas uma forma de comunicação, mas uma estrutura organizada em que reflete e constrói uma determinada realidade social. Sendo assim, é a partir de sua existência que se faz possível identificar padrões e estruturas subjacentes, que são de suma importância para moldar as formas de conhecimento e as relações de poder. Desse modo, podemos notar a

ligação entre as práticas discursivas e as relações de poder, em que o sujeito é um produto de suas relações, aspecto que nos aprofundaremos no próximo subtópico.

2.2 As relações de poder e verdade

Ao longo da história, o conceito de poder foi sendo ressignificado, principalmente no que tange à sua aplicação nas sociedades modernas. Foucault (2015), em suas reflexões sobre as formas de dominação, apresenta uma perspectiva que vai além da compreensão tradicional de poder como mera repressão ou coerção. Para Foucault (2015), o poder não é algo que se possui. Tal mecanismo opera em redes, em relações dinâmicas e múltiplas. O autor enfatiza que o poder é imanente, ou seja, está presente nas práticas e nos sistemas que estruturam as sociedades, sendo continuamente transformado pelas lutas e resistências que emergem das relações. Diante disso,

[...] deve-se compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transformam, reforça, inverte; os apoios que tais correlações forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas [...] (Foucault, 2015, p. 100,101)

O referido autor argumenta que o poder não é algo fixo ou absoluto que pertence apenas a um sujeito. Trata-se de um conjunto de relações, que ocorrem a partir de interações, confrontos, que se modificam, reforçam e transformam, pois “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meios de relações desiguais e móveis” (Foucault, 2015, p. 102). Neste sentido, compreendemos que o poder circula no meio social, moldando e transformando os sujeitos através das interações que se expandem em diferentes contextos sociais. Desse modo,

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (Foucault, 2007, p. 193)

Diante das afirmações do autor, percebemos que as relações de poder trazem autonomia e força aos corpos, valorizando os grupos minoritários, que normalmente são marginalizados e silenciados. Isso mostra que o poder não impõe ordens, mas que também busca compreender e valorizar as classes minoritárias, estabelecendo práticas que reconheçam as identidades individuais e coletivas desses sujeitos, evidenciando a amplitude das ações que o poder abrange. De acordo com Foucault (2015, p.101), “o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. O referido autor reflete uma compreensão do poder que se distancia das visões tradicionais, que associam o poder a uma instituição ou a uma força centralizada em certas figuras ou estruturas.

Em vez disso, o referido autor aponta para a existência de um tipo de poder que se infiltra nas esferas da vida cotidiana e opera não apenas pela disciplina, mas também pelo controle dos corpos e das populações. Esse tipo de poder, Foucault denomina de biopoder e revela uma dimensão mais sutil e, ao mesmo tempo, mais abrangente do controle social. Ainda sobre essa questão, podemos destacar que:

Outro tipo de poder é o que se aplica ao corpo político que, ao agir sobre o bem comum, age também sobre os corpos dos indivíduos, sem levar em conta a subjetividade de cada um; corpos dos outros sobre os quais impõem o bem comum, poder sobre a vida, o que Foucault denomina biopoder [...]. (Coracini, 2020, p. 12)

A citação traz à tona o conceito de biopoder, que se refere à forma como o poder é exercido diretamente sobre a vida dos indivíduos e das populações, moldando comportamentos e impondo o que é considerado o "bem comum". Esse poder não se preocupa com a subjetividade individual, mas com o corpo enquanto entidade coletiva, regulando-o para garantir o funcionamento harmonioso do corpo político como um todo. Assim, o biopoder não age apenas para limitar a liberdade, mas para promover o controle da vida, integrando práticas que afetam desde políticas públicas de saúde até normas de conduta social. Ao se preocupar com os corpos e as práticas coletivas, o biopoder se torna uma ferramenta de gestão social que busca otimizar a vida, mesmo que isso signifique suprimir as particularidades e diversidades que constituem a experiência humana.

Diferente do poder soberano, desenvolvido até o século XVIII, centrado na figura do rei e na capacidade de tirar a vida ou permitir a sobrevivência, o biopoder se articula em torno da gestão da vida, regulando, otimizando e controlando. Neste contexto, surge a ideia de governamentalidade, que amplia essa perspectiva ao introduzir uma nova forma de governar, no qual o foco não está mais no controle de sujeitos isolados, mas na "população". Assim, governar se torna sinônimo de organizar, vigiar e administrar a vida em escala coletiva, incorporando elementos de vigilância, normatização e controle biopolítico². Diante disso, é importante destacar que:

A governamentalidade moderna coloca pela primeira vez o problema da "população", isto é, não a soma dos sujeitos de um território, o conjunto de sujeitos de direito ou a categoria geral da "espécie humana", mas o objeto construído pela gestão política global da vida dos indivíduos (biopolítica). (Revel, 2005, p.55)

A autora, ao afirmar que a governamentalidade moderna coloca pela primeira vez o problema da "população", sublinha uma mudança fundamental na forma como o poder se exerce nas sociedades contemporâneas. Nesse novo paradigma, o que está em questão não é apenas o controle territorial ou a sujeição de indivíduos como portadores de direitos, mas sim a população entendida como um objeto específico de gestão. A biopolítica, nesse sentido, refere-se a uma técnica de poder que, em vez de se preocupar apenas com a soberania, concentra-se em regular os processos da vida coletiva, saúde, natalidade, mortalidade, segurança e condições de existência. A população, então, deixa de ser apenas um conjunto de indivíduos para se tornar uma entidade biológica e estatística que pode ser mensurada, estudada e governada, permitindo que os Estados modernos exerçam controle sobre a vida não apenas através de leis, mas por meio de políticas públicas que moldam comportamentos e condicionam a vida cotidiana.

Foucault (2007) desafia as estruturas convencionais que pressupõem a existência de um poder supremo e unificado que domina os sujeitos, propondo uma análise crítica das práticas disciplinares, institucionais e discursivas que moldam as relações. O referido autor destaca que o poder não é um privilégio ou uma

² Para Foucault (2015, p 155), a biopolítica é utilizada "para designar o que faz com a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz poder-saber um agente de transformação da vida humana".

propriedade de poucos, mas uma rede complexa de relações que atravessa toda a sociedade, envolvendo tanto os que exercem o poder quanto os que são alvo dele.

Diante disso, observamos que a verdade não é algo absoluto. É construída e regulada conforme as hierarquias que controlam o poder. Nesse sentido,

[...] O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro [...]. (Foucault, 2007, p. 195)

Foucault (2007) argumenta que a verdade é algo moldado pelas relações de poder e sua construção é dada a partir de mecanismos, que são determinados através do regime de verdades. Portanto, cada sociedade possui a sua verdade e produz um conjunto de normas e práticas que determinam o que é aceito como verdadeiro. Em consonância com essa questão, é importante destacar que:

A "verdade" é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (...) é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de imenso consumo (...) é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidades, escrituras, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas "ideológicas"). (Foucault, 2007, p.13)

Diante dessa afirmação, percebemos que a verdade é constantemente modificada, devido às condições econômicas e políticas dos sujeitos, a exemplo disso temos as universidades, exércitos, que estabelecem a sua própria verdade para defender seus ideais. Nessa perspectiva, a verdade é uma espécie de controle e defesa de uma determinada sociedade. O controle e as exigências feitas aos sujeitos estão presentes em diversas atividades diárias, até mesmo sobre os corpos, pois, comumente, a sociedade e a indústria da moda tomam como verdade, que apenas os corpos magros são considerados belos, desprezando e submetendo as pessoas a tentar padronizar seus corpos através de procedimentos estéticos e

realização de cirurgias plásticas para serem aceitos, aspecto que nos adentraremos no tópico a seguir.

2.3 O corpo feminino: exigências, medicalização e emagrecimento

O corpo é construído em uma dinâmica diversificada moldada pelas influências sociais, culturais e históricas. Com isso, surge a ideia de que o corpo não é uma estrutura fixa, mas que sofre transformações, a depender do tempo, espaço e contexto em que está inserido. Desse modo:

O corpo é produto de uma construção cultural, social e histórica sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. (...) é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais e sua linguagem, visto que ele é construído também a partir daquilo que dele se diz (Goellner, 2015, p. 135).

Diante disso, o corpo feminino está em constante processo de adaptação e transformação, influenciado por uma série de fatores, como os avanços sociais, científicos e da linguagem. Sendo assim, o que é dito também o constitui e dá poder sobre outros corpos, estabelecendo uma hierarquia e a partir disso se estabelece e designa quais os corpos são aceitos e desejados, inferiorizando aqueles que não se encaixam no padrão estabelecido.

Historicamente, as mulheres foram privadas da autonomia de expressar suas próprias percepções sobre seus corpos, sendo obrigadas a se adequarem aos padrões estabelecidos pela sociedade, que considerava o corpo magro como um ideal e acreditavam que os corpos gordos e baixos, não pertenciam ao padrão estético desejado pela sociedade. Diante disso, constata-se que:

A beleza dos anos 90 estava pautada nas top models. Anteriormente, citamos um padrão de beleza que valoriza a mulher de 1,63 e que pesava, no máximo, 58 quilos. A altura, no entanto, mudou. Essas top models tinham que ter aproximadamente 1,80 metros de altura, e continuar exibindo corpos magros. As baixinhas e gordinhas pareciam ter sido esquecidas pela sociedade. (Pereira, 2021, p. 40)

A beleza feminina durante os anos 90 esteve pautada na mudança do corpo feminino, que tinha necessidade de seguir os padrões exigidos pela indústria da moda, exigindo um novo ideal de beleza e excluindo os corpos que não se adequassem a esses padrões. Portanto, a compreensão do corpo como uma superfície de inscrição se revela fundamental para a análise crítica das imposições sociais e culturais sobre os corpos femininos. Historicamente, esses corpos foram (e continuam sendo) alvos de uma constante regulação, exigindo que se submetam a padrões restritivos que, muitas vezes, resultam em práticas nocivas para a saúde e o bem-estar. A ideia de que os corpos carregam marcas dos acontecimentos vividos ressalta o papel das dinâmicas sociais em moldar não apenas a forma física, mas também a identidade e a subjetividade. Essa perspectiva é relevante ao discutir o processo de emagrecimento feminino, pois a busca de um padrão de beleza hegemônico, deixa marcas profundas tanto no corpo quanto na mente das mulheres. Portanto,

Ao falarmos do corpo enquanto superfície de inscrição é inevitável não falar dos acontecimentos e das marcas que estes corpos carregam, os acontecimentos provenientes que permitem que o corpo possa existir em diferentes espaços, sobretudo aos corpos que foram e são ao longo da história interditados e lacerados. (Almeida e Milanez, 2020, p. 292)

Desta forma, quando pensamos nos corpos femininos como superfícies de inscrição, reconhecemos que eles são moldados por normas culturais que ditam quais formas e tamanhos são socialmente aceitos. O processo de emagrecimento, muitas vezes, é imposto como uma necessidade para que mulheres alcancem um ideal estético que favorece a magreza extrema. Esse ideal, promovido pela mídia e reforçado nas redes sociais, torna-se um acontecimento constante na vida das mulheres, inscrevendo-se em seus corpos na forma de dietas restritivas, procedimentos estéticos invasivos e padrões de autovigilância exaustivos. As marcas deixadas por esse processo não são apenas físicas, como cicatrizes ou flutuações de peso, mas também emocionais, afetando a autoestima e a saúde mental. Assim, o corpo feminino, ao ser forçado a se conformar a um padrão excludente e opressivo, carrega cicatrizes que revelam as violências simbólicas e materiais a que foi submetido ao longo da história.

A mulher passou/passa por lutas constantes em relação ao seu corpo, como por exemplo o direito de decidir gerar ou não um filho e também no que se refere a

aceitação do seu corpo seja magro ou gordo. Além disso, o desejo de sentir-se atraente é um desafio que as mulheres enfrentam diariamente, devido a imposições feitas pela sociedade. Mesmo sendo algo que não seja coletivo, o corpo é algo “dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade” (Perrot, 2019, p. 76).

Nos primórdios, tratar de questões sobre o corpo feminino não era considerado algo que tivesse uma boa aceitação pela sociedade. Assim, as mulheres escondiam o próprio corpo com medo dos julgamentos da sociedade. As mulheres indígenas, com sua inocência, não faziam uso de roupas, foram os primeiros alvos de tamanha repreensão. Perante essa questão, é importante enfatizar que:

No passado, abordar questões sobre o corpo feminino era alvo de rejeição. As marcas de sensualidade não existiam e a inferioridade fazia com que muitas mulheres escondessem suas curvas – muitas vezes contra sua vontade, apenas por medo do rechaço da população. As indígenas, por exemplo, foram o primeiro alvo dos colonizadores ao chegarem às terras brasileiras. Os corpos “nem gordos e nem magros”, a inocência de estarem sem roupa fez com que os colonizadores, inclusive Pero Vaz de Caminha se encantassem cada vez mais por essas terras. (Pereira, 2021, p. 14)

Conforme aponta a referida autora, apenas pelo fato de ser mulher, muitos corpos foram submetidos a se subordinarem e serem alvo de comentários maldosos. As mulheres indígenas, como por exemplo, tiveram que mudar todo o seu modo de viver para que pudessem conviver na sociedade, pois seus corpos foram vistos apenas como um objeto sexual.

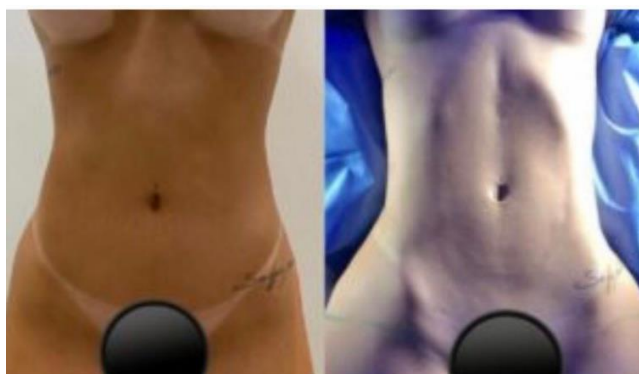
O século XX foi um período de mudanças sobre a visão do corpo feminino. Através da mídia, os corpos tornaram-se mais expostos, não só como um símbolo de beleza, mas também como um objeto de desejo e liberdade, pois “a mulher passou a ser vista como um símbolo sexual na mídia, pois despiu-se, escancarou o desejo e a liberdade de expor um corpo, seja ele magro ou gordo” (Pereira, 2021, p. 41, 42).

Diante do exposto, refletimos sobre a mudança de preocupações das mulheres, pois antes se preocupavam com a moral e a espiritualidade. Essa preocupação na atualidade é substituída pela importância da aparência do corpo. Esse movimento é marcado pela mudança de como as mulheres relacionam sua imagem com as expectativas sobre a beleza que são exigidas pela sociedade.

Mesmo diante das mudanças sobre a visão do corpo feminino, ainda é considerado comum a adesão aos padrões estéticos que valorizam a magreza como ideal de beleza entre uma parcela das mulheres. Este fenômeno é amplamente propagado pela mídia e pelas influenciadoras digitais, que promovem o uso de medicamentos, procedimentos estéticos, costumes e tendências do mundo da moda, exibindo seus corpos em perfis das redes sociais, para promover a venda de cirurgias plásticas e medicações que agilizem com processo de emagrecimento, com o intuito de que outras mulheres façam uso dessas estratégias para seguirem a esses padrões.

A influenciadora Virginia Fonseca³ (que tem 50,6 milhões de seguidores) utiliza seu perfil no *Instagram* como meio de trabalho e para relatar seu dia a dia. A influenciadora vende produtos de sua marca “*wepink*” para o embelezamento feminino, a partir de vídeos postados em seu *Instagram*. Além disso, comercializa tratamentos estéticos através de procedimentos realizados em seu próprio corpo. Também trata de assuntos relacionados à moda, como por exemplo: roupas e acessórios, elementos que são produzidos pela indústria da beleza, com o intuito estabelecer um padrão entre os corpos. Em matéria do portal ISTOÉ é mostrado o antes e depois da cirurgia lipo *LAD* feita pela influenciadora.

Figura 1- Corpo da influenciadora Virginia Fonseca



Fonte: Portal ISTOÉ⁴

³ Virginia Fonseca é uma youtuber, empresária, influenciadora e apresentadora. Iniciou sua carreira profissional com apenas dezesseis anos e, desde então, traz dicas sobre moda e beleza, além de mostrar sua rotina diária.

⁴ Disponível em: <https://istoe.com.br/clinica-onde-virginia-fonseca-fez-lipo-lad-explica-resultado-do-procedimento-apos-a-gravidez/>. Acesso em 17 de novembro de 2024.

O enunciado apresentado reflete a subordinação que os corpos femininos sofrem para serem aceitos em uma determinada sociedade. A realização de cirurgias é cada dia mais normalizada entre as mulheres, devido à necessidade de serem seguidos os padrões estabelecidos pela sociedade, em que o corpo feminino está submisso, pois “uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida”. (Foucault, 2015, p. 156)

Outro ponto a ser analisado é a rotulação dos corpos ao processo de emagrecimento, colocando as intervenções cirúrgicas como a solução para que as mulheres possuam um corpo perfeito. Diante disso, o discurso reforça o ideal que apenas os corpos magros são considerados bonitos. O processo pela busca da aceitação desses corpos os submetem a serem submissos à regulação que presa por manter um ideal de que a magreza é considerada o ideal.

Um fenômeno recorrente na atualidade para a o alcance de corpos magros é a medicalização, que implica na transformação e controle dos sujeitos e de suas características naturais através de intervenções médicas. Segundo Vieira (2020), a medicalização é um processo social e histórico de poderes sobre os corpos. A supervisão desses sujeitos também está atrelada ao controle do corpo feminino através do processo de reprodução, já que a mulher é a peça principal para que isso ocorra.

Um exemplo emblemático desse processo são os anticoncepcionais, que possuem ações para regular a reprodução feminina. Método distribuído de forma gratuita em instituições públicas de saúde, facilitando que todas as mulheres tenham acesso. Esta prática pode ser interpretada como uma forma de controle social que visa influenciar a dinâmica demográfica e os comportamentos reprodutivos das mulheres dentro da sociedade. Portanto,

[...] A medicalização do corpo feminino se insere: um dispositivo social que relaciona questões políticas mais gerais, a partir de questões populacionais, aos cuidados do corpo feminino, normalizando, administrando e regulando os aspectos da vida relacionados à reprodução humana. A medicalização do corpo feminino, com o desenvolvimento técnico da medicina, permite a formação e manutenção da sociedade em relação às questões de saúde que envolvem a reprodução humana, ao elaborar ideias que, conseqüente intervenção nesse corpo como estratégia social. (Vieira, 2020, p. 24)

A referida autora reflete sobre o constante processo da construção social que é feito em torno do corpo feminino, no que se refere a composição de normas e

expectativas sobre a saúde reprodutiva da mulher. Com isso, pode-se perceber que a medicalização do corpo feminino vai além do cuidado. Trata-se também de estratégias de controle dos sujeitos, que visam deter o poder sobre determinada sociedade.

Além da regulação da fertilidade, a medicalização também se estende ao controle de outras dimensões do corpo, como o controle do peso. Essas intervenções prejudicam a saúde física e mental do sujeito, resultando em uma série de transtornos que afetam a sua qualidade de vida. Esse controle sobre o corpo feminino é uma questão profundamente enraizada e há muito tempo tem sido objeto de discussão, especialmente no que diz respeito à sua padronização.

Conforme apontam Santos e Deuner (2024), a obesidade tem se tornado uma preocupação constante. Isto se deve ao fato de que pode desenvolver diversos problemas de saúde, passando a ser identificada como uma questão de saúde pública, devido as consequências que o sobrepeso pode causar na vida da população. No entanto, atualmente, a busca de corpos belos através do processo de emagrecimento, tem se tornado algo habitual entre os sujeitos.

Santos e Deuner (2024) apresentam os graves problemas que a obesidade pode acarretar aos corpos, danos esses que podem se tornar irreversíveis para a saúde dos sujeitos. Pesquisas desenvolvidas pela Associação Brasileira para o Estudo da obesidade mostram que o percentual de pessoas obesas adultas no Brasil mais que dobrou em 17 anos, indo de 12,2%, entre 2002 e 2003, para 26,8%, em 2019. No mesmo período, a proporção da população adulta com excesso de peso passou de 43,3% para 61,7%, representando quase dois terços dos brasileiros (Brasil, 2019)⁵. Apesar desse número, muitas pessoas se preocupam com o emagrecimento de seus corpos, acreditando que, assim, possam se incluir nos padrões estéticos impostos pela sociedade.

O processo de emagrecimento por muitas vezes é atrelado a questões estéticas, em que os sujeitos se preocupam apenas com seu exterior, deixando de lado o que realmente importa, que é a saúde. A obsessão por corpos “perfeitos” pode causar sérios problemas tanto a saúde física, quanto mental dos sujeitos. Com

⁵ BRASIL. Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica Diretrizes brasileiras de obesidade. 2016. Disponível em: https://abeso.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Diretrizes-DownloadDiretrizes_Brasileiras-de-Obesidade-2016. Acesso em: 15 de novembro de 2024.

isso, surge o aumento na procura de métodos que possibilitem o emagrecimento rápido, sejam eles intervenções cirúrgicas ou medicamentos.

O uso de medicamentos que acelerem o processo de emagrecimento tem se tornado comum na atualidade, devido à grande procura de soluções rápidas para a perda de peso, a exemplo disso, tem-se o *ozempic*. O uso desse medicamento é, inicialmente, recomendado para pessoas portadoras de diabetes tipo 2. Entretanto, tem sido utilizado como um método que auxilia na perda de peso, embora que, não esteja sendo utilizado de forma correta. Vale destacar que:

O uso de medicamentos para diabetes como forma de emagrecimento tem se tornado cada vez mais comum, com uma demanda crescente à medida que as pessoas buscam perdas de peso maiores e mais rápidas. Um exemplo disso é a semaglutida, que vem sendo utilizada de forma irresponsável no tratamento da obesidade, sem qualquer prescrição médica. (Santos; Deuner, 2024, p. 10)

O uso da *semaglutida* (*Ozempic*) e de outras medicações utilizadas para o auxílio do emagrecimento, se usados de forma errada, e não possuindo acompanhamento médico, é uma prática extremamente perigosa. Embora tenha um papel de auxílio na perda de peso, o uso exagerado pode trazer consequências, pois além de gordura, o corpo perde elementos fundamentais para seu funcionamento. Vejamos a postagem apresentada na figura a seguir:

Figura 2 – *Ozempic* e seus riscos



Fonte: Instagram @drtannure ⁶

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DBq6G6luFDd/?igsh=dWw0aWlwc3Z4ODRu>. Acesso em 15 de novembro de 2024.

O enunciado traz à tona práticas e saberes médicos relacionados ao corpo, à saúde e ao emagrecimento. Esse processo ocorre pelo processo de regulação da vida, através das imposições feitas pela sociedade, pois “uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (Foucault, 2015, p.156). Outro ponto a ser analisado no enunciado, é o destaque para o medicamento *Ozempic*, associado a uma significativa perda muscular em processos de emagrecimento e revela um padrão de consumo que, muitas vezes, negligencia os impactos da medicalização na saúde integral. Nesse caso, o abuso de medicamentos para emagrecer emerge como uma consequência de discursos que exaltam a magreza como um ideal estético e funcional, ignorando os efeitos adversos para o organismo. Ao enfatizar o uso do medicamento sem um questionamento crítico, pode ser considerado como parte de uma rede de poder que molda comportamentos e práticas corporais em torno de uma lógica de mercado e produtividade, muitas vezes, em detrimento do bem-estar e da autonomia dos indivíduos.

A utilização do *Ozempic* tem se tornado uma prática preocupante, principalmente devido à automedicação e a falta de acompanhamento médico. Além disso:

O uso de medicamentos para emagrecer é alarmante, principalmente porque a maioria das pessoas os utiliza sem prescrição médica ou orientação médica. A facilidade de acesso e a desinformação são fatores importantes no uso indevido destas drogas, razão pela qual a sensibilização para as drogas é crucial. (Zimmerer et. al, 2023, p. 6)

Nessa perspectiva, o autor ressalta a urgência em conscientizar a população sobre os riscos associados ao uso inadequado desses medicamentos e a importância em ter um acompanhamento médico para que o uso da medicação seja feito de forma correta. Vejamos o enunciado a seguir:

Figura 3 – O remédio que emagrece



Fonte: Instagram @vivabem_uol ⁷

O enunciado, apresentado na figura 3, destaca no centro da imagem o título "*a febre do remédio que emagrece*". O uso de medicamentos como o *ozempic* para o emagrecimento rápido é inserido em uma lógica de normatização dos corpos, onde a mídia e o mercado farmacêutico exercem poder disciplinar sobre os sujeitos, ditando padrões estéticos e comportamentais. Nesse sentido, comungamos com a ideia de que "a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)". (Foucault, 2014, 164, 165). Desse modo a disciplina transforma os corpos em dóceis a partir de sua produção e utilidade, tornando-os politicamente submissos. Assim, a disciplina exerce um poder duplo que capacita os sujeitos para serem eficientes em suas funções, mas ao mesmo tempo controla e limita sua liberdade, o que garante a submissão dos sujeitos as normas sociais.

O enunciado em análise destaca uma cintura fina e um corpo aparentemente ideal, reforçando a ideia de que o emagrecimento é um objeto acessível por meio de intervenções químicas, colocando o medicamento como uma solução quase mágica para o controle corporal. Este discurso não apenas estigmatiza o corpo fora dos padrões estéticos, mas também cria um saber médico que legitima o uso de medicamentos como práticas de autocuidado, transformando questões complexas

⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CrQW_KukmR/?igsh=dGc1eXFmM2Zpa245. Acesso em 17 de novembro de 2024.

de saúde e bem-estar em um consumo regulado e normativo. Assim, o enunciado atua como um instrumento de poder que incita os sujeitos a se submeterem às tecnologias de controle e regulação do corpo, operando dentro de uma economia de desejos que sustenta a indústria farmacêutica e reafirma uma biopolítica que valoriza corpos magros.

Como foi visto durante este capítulo, o corpo feminino vive em constante processo de mudança. Isto ocorre através das relações de poder que são impostas pela sociedade sobre as mulheres que, muitas vezes, se veem obrigadas a modificarem seus corpos para serem aceitos nos padrões estéticos, seja realizando cirurgias ou fazendo uso de medicamento que facilitem o processo de emagrecimento. No próximo capítulo, apresentaremos a análise dos discursos relacionados a medicalização dos corpos a partir de comentários feito em uma postagem no *Instagram* da Revista Veja, bem com as relações de poder impostas aos corpos femininos.

3 A MEDICALIZAÇÃO DOS CORPOS GORDOS FEMININOS: UMA INVESTIGAÇÃO EM COMENTÁRIOS NO POST DO PERFIL DA REVISTA VEJA

O corpo feminino é submetido a vários tabus impostos pela sociedade, que, comumente, valoriza como belo o corpo magro, alto, branco, que esteja inserido na indústria da moda e utilize produtos e medicações para estabelecer um padrão estético. Com isso, muitas mulheres para serem consideradas “bonitas” realizam procedimentos estéticos e faz adesão ao uso de medicamentos, a fim de serem aceitas no meio social. Como consequência disso, temos o grande aumento no consumo e o surgimento de novos medicamentos que facilitam o processo de emagrecimento.

Para realizar a análise que empreendemos neste trabalho, selecionamos um post publicado no perfil do *Instagram* da Revista Veja, que trata sobre os novos remédios de emagrecimento e seu uso desenfreado, assim como onze comentários propagados através da postagem realizada. Nesse sentido, utilizamos os discursos propagados a partir da publicação para analisar a disseminação de enunciados relacionados à medicalização do corpo, considerando a maneira como essas mensagens reforçam ou questionam padrões de saúde, estética e consumo.

O perfil do *Instagram* da Revista Veja aborda assuntos de grande relevância, exercendo significativa influência sobre a sociedade, ao tratar de questões essenciais para a saúde e o bem-estar da população, além de atuar como um espaço de construção de opiniões e debates públicos. A análise dos comentários permite compreender como esses enunciados circulam nas redes sociais, revelando diferentes perspectivas, narrativas e interesses que se entrelaçam nas discussões sobre o tema. Assim, as análises que iremos desenvolver busca evidenciar as formas como o discurso midiático e as interações sociais online colaboram para naturalizar práticas de medicalização e reforçar dinâmicas socioculturais que impactam profundamente as percepções de saúde e os comportamentos individuais e coletivos.

Mediante ao exposto, busca-se compreender as estratégias discursivas utilizadas para abordar a medicalização dos corpos femininos, como os sujeitos externam os discursos sobre a medicalização e como as relações de poder e verdade podem influenciar os sujeitos. Na análise, serão abordadas algumas regularidades discursivas que auxiliaram na construção deste trabalho. É importante

frisar que existem várias linhas analíticas para tratar desse assunto e que esta que estamos utilizando é apenas uma entre as várias existentes. Diante disso, elencamos as seguintes categorias de análise: a) As estratégias discursivas sobre a medicalização dos corpos através dos novos métodos de emagrecimento; b) Condições de possibilidade dos discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos; c) Poder e Verdade: a influência na medicalização dos corpos gordos femininos.

3.1 As estratégias discursivas sobre a medicalização dos corpos através dos novos métodos de emagrecimento

Os discursos sobre a medicalização do corpo gordo feminino se configuram como estratégias de poder que visam normatizar corpos considerados desviantes em relação aos padrões hegemônicos de saúde e beleza. Nesse contexto, práticas discursivas ancoradas no campo médico, frequentemente, consideram o corpo gordo como um objeto de intervenção e controle, remetendo-o a uma série de riscos à saúde. Essas narrativas mobilizam uma biopolítica que justifica a medicalização como forma de normalização, mascarando relações de poder que perpetuam estigmas e desigualdades, sobretudo de gênero.

As estratégias discursivas, comumente, utilizam a autoridade científica para naturalizar as intervenções médicas, apresentando-as como inevitáveis ou necessárias. Ao mesmo tempo, essas práticas reforçam padrões de feminilidade que vinculam valor social à magreza e ao autocontrole corporal, pressionando mulheres a se adequarem a essas expectativas por meio de regimes de dietas, cirurgias ou medicações. No centro dessas construções está a transformação do corpo gordo feminino em um campo de visibilidade constante, regulado por discursos que sustentam não apenas a submissão aos ideais de saúde, mas também a responsabilidade individual por qualquer desvio, obscurecendo os determinantes sociais e históricos que influenciam estes corpos.

Com o surgimento de novos métodos de emagrecimento no cenário atual, observa-se um aumento significativo no consumo de medicamentos que prometem acelerar o processo de perda de peso. Essa tendência reflete no desejo por resultados rápidos e também na pressão social por padrões estéticos, frequentemente, irreais, ampliados pelas redes sociais e pela mídia em geral.

Recentemente, a Revista Veja destacou em um post no *Instagram* dados que ilustram esse fenômeno, chamando a atenção para os impactos dessa busca desenfreada pela forma física ideal. Apesar da popularidade crescente desses medicamentos, especialistas alertam para os riscos associados ao uso indiscriminado, incluindo efeitos colaterais graves e a falta de acompanhamento médico adequado. O debate sobre o equilíbrio entre saúde e estética se torna cada vez mais urgente, especialmente, em um contexto em que a imagem corporal é, muitas vezes, priorizada em detrimento do bem-estar geral. Vejamos o *post* a seguir:

Figura 4 – O *ozempic* como método de emagrecimento



O enunciado revela como o processo da medicalização reflete as estratégias do biopoder, em que medicamentos como *ozempic* são promovidos como soluções rápidas para atender a padrões estéticos normativos. Esse fenômeno reafirma a tensão de forças externas que moldam os sujeitos e suas tentativas de resistência, mesmo estando sob condições de controle.

Também é importante ser analisado o enunciado que diz, “*Novos remédios para emagrecer bombam em vendas e viram alvo de preocupação dos médicos*”, que relata a preocupação de médicos com o uso de medicamentos sem um controle adequado. Essa prática pode incentivar à autodisciplina e à regulação da saúde individual, se apresenta como um imperativo moral que transcende a esfera da

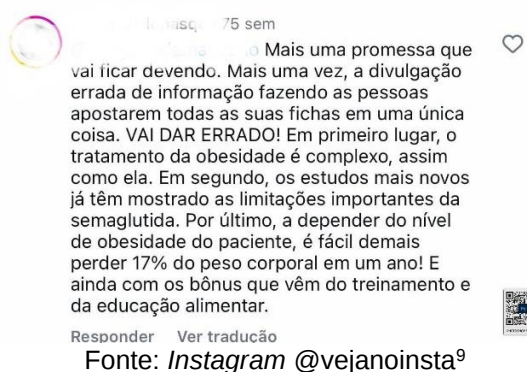
⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqyGPJOLodI/?igsh=b2I5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em 04 de novembro de 2024.

escolha pessoal e se torna uma forma de controle social. Ao transformar o controle de peso em uma questão médica, esse discurso não apenas normaliza a intervenção farmacológica como a solução ideal, mas também promove uma visão reducionista da saúde, na qual a magreza é sinônimo de bem-estar. Esse enquadramento cria um ambiente em que práticas que envolvem a medicalização do corpo são naturalizadas, legitimando intervenções invasivas e tratamentos farmacêuticos em nome da saúde.

Ao alimentar a ideia de que o corpo deve estar constantemente sob vigilância e ser moldado segundo os padrões sociais de beleza, reforçando um ciclo de consumo que é altamente lucrativo para a indústria de produtos dietéticos, suplementos, remédios para emagrecimento e procedimentos estéticos. Assim, o controle do peso se torna uma mercadoria e a saúde, um produto a ser comprado. Essa relação entre poder, saúde e consumo reflete a lógica neoliberal contemporânea, na qual a responsabilidade pelo bem-estar é transferida para o indivíduo, mascarando as dimensões estruturais e coletivas que impactam a saúde, como as desigualdades sociais e o acesso a recursos.

Nos comentários relacionados ao *post*, apresentado na figura 4, um médico especialista em tratamento contra a obesidade alerta sobre o uso do *ozempic* de maneira irregular, argumentado sobre a complexidade de perder peso, as complicações na saúde que podem ser causadas com o uso do referido medicamento sem acompanhamento e de que os pacientes que fazem uso do *ozempic* podem conseguir perder o mesmo peso sem precisar usar o medicamento, apenas com exercícios físicos e alimentação saudável, conforme pode ser visto no comentário a seguir:

Figura 5 – Comentário 1



⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqyGPJOLodI/?igsh=b2I5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em 04 de novembro de 2024

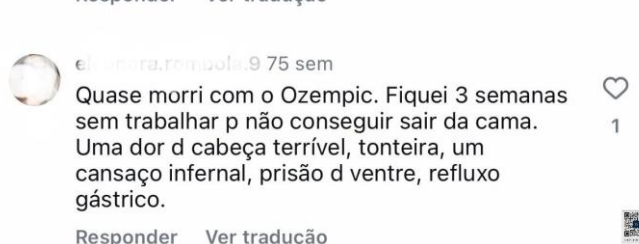
Ao analisar o enunciado, apresentado na figura 5, é possível identificar como o discurso se configura enquanto um campo de poder que estabelece normas e regula comportamentos. Para Foucault (2014, p.164), “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de “disciplinas”. Diante disso, o médico ao alertar para os riscos da “divulgação errada de informação” e o uso inadequado do *ozempic* (semaglutida) como método para emagrecimento rápido, não apenas exerce um papel de autoridade no discurso médico, mas também legitima um regime de verdade que define o que é considerado um tratamento adequado ou inadequado para a obesidade. Ao afirmar que “*vai dar errado*” e que o tratamento é “*complexo*”, o médico reforça a ideia de que há uma especialização e um controle técnico que os sujeitos leigos não possuem, criando uma distinção entre o saber médico e o senso comum. Essa demarcação é uma forma de controle que delimita quem pode falar sobre determinados temas, determinando a legitimidade dos discursos e, conseqüentemente, regulando o comportamento dos sujeitos que buscam soluções para suas questões de saúde.

Além disso, o enunciado destaca a importância dos “*estudos mais novos*” que “*mostram as limitações da semaglutida*”, sinalizando que o conhecimento científico é dinâmico e que verdades consideradas absolutas podem ser questionadas, à medida que novas evidências surgem. No entanto, ao dizer que é “*fácil demais perder 17% do peso corporal em um ano*” com “*treinamento e educação alimentar*”, o médico reforça um discurso que atribui responsabilidade individual ao paciente, alinhando-se com uma biopolítica que responsabiliza o sujeito pela própria saúde. O comentário também revela uma crítica ao consumo desenfreado e a busca por soluções rápidas, deslegitimando práticas que desviam do modelo prescrito pela ciência. Dessa forma, o enunciado não apenas comunica informações sobre o tratamento da obesidade, mas também opera enquanto dispositivo de normalização, controlando o que é considerado um uso “correto” ou “incorreto” de intervenções médicas, como o uso da semaglutida (*ozempic*).

Além da opinião médica, seguidores da página que fizeram uso do *ozempic* compartilharam relatos detalhados sobre os efeitos colaterais que enfrentaram após o uso do medicamento, destacando como isso impactou negativamente a saúde e a qualidade de vida. Entre as experiências descritas, muitos mencionaram náuseas

intensas, episódios de vômito, fraqueza extrema, e alterações no apetite, que não apenas comprometeram seu bem-estar físico, mas também afetaram sua rotina e saúde mental. Esses relatos levantam questionamentos sobre a falta de orientação adequada no uso do medicamento e a necessidade de um acompanhamento mais rigoroso por parte dos profissionais de saúde, reforçando a importância de discutir os riscos associados antes de iniciar o tratamento. Vejamos o enunciado apresentado na figura 6:

Figura 6 – Comentário 2



Fonte: Instagram @vejanoinsta¹⁰

Seguindo a análise inicial apresentada pelo médico, que destacou os malefícios associados ao uso do *ozempic* sob uma perspectiva médica e científica, o enunciado complementa e aprofunda essa crítica ao trazer a dimensão vivencial e subjetiva dos impactos negativos do medicamento. Enquanto o médico fornece uma visão técnica sobre os riscos e efeitos adversos do medicamento, o testemunho da usuária explicita como esses efeitos se traduzem em experiências concretas de sofrimento e limitação. Sua afirmação: "*Quase morri com o ozempic. Fiquei 3 semanas sem trabalhar p não conseguir sair da cama*" revela as implicações sociais e subjetivas do uso do medicamento, destacando não apenas os danos físicos, mas também as repercussões econômicas e psicossociais, como a incapacidade de exercer atividades laborais.

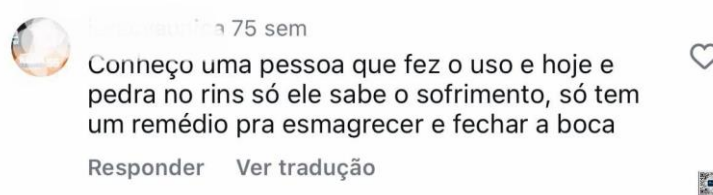
O relato pessoal também reforça e exemplifica os riscos descritos pelo médico, dando visibilidade ao que, frequentemente, é silenciado nos discursos oficiais. A descrição de sintomas como "*dor de cabeça terrível, tonteira, um cansaço infernal, prisão de ventre, refluxo gástrico*" impactam na construção de um corpo marcado pela dor e pelo desgaste, que se insurge contra as promessas de bem-estar associadas ao medicamento.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqyGPJOLodI/?igsh=b2I5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em 04 de novembro de 2024

O relato da usuária expõe a tensão entre o controle médico e a resistência do sujeito, pois “o discurso não é simplesmente aquilo que se traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos abster” (Foucault, 2014, p.10). Portanto, o enunciado, apresentado na figura 6, ao lado da análise médica, forma um quadro crítico que questiona a lógica médica e os interesses mercadológicos perpassado através da popularização de medicamentos como o *ozempic*. Ambos os discursos sublinham a necessidade de um debate ético mais amplo sobre os impactos da medicalização na vida cotidiana, que vá além dos parâmetros técnicos e considere as vivências e os sofrimentos dos pacientes.

Além de seguidores que relataram sua experiência com o uso do *ozempic*, houve relatos de seguidores que tiveram pessoas próximas que usaram o medicamento e sofreram com seus efeitos colaterais. Como pode ser visto no enunciado a seguir:

Figura 7 – Comentário 3



Fonte: Instagram @vejanoinsta¹¹

O enunciado problematiza o uso de substâncias associadas à perda de peso no caso, o *ozempic*. O sujeito utiliza uma estratégia discursiva que remete à experiência pessoal ou observação direta, ancorando sua fala na autoridade do sofrimento alheio (“só ele sabe o sofrimento”). Foucault (2008, p. 76) afirma que, “é preciso notar que as estratégias assim descritas não se enraízam, aquém do discurso, na profundidade muda de uma escolha ao mesmo tempo preliminar e fundamental”. Essa escolha evidencia uma prática discursiva que produz uma verdade, vinculada à vivência e não necessariamente a um discurso médico. A ideia de sofrimento e da consequência negativa (“pedra no rins”) é usada como um argumento que visa deslegitimar o uso do medicamento. A implicação de que o recurso ao *ozempic* seria desnecessário diante de soluções consideradas “naturais”

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqyGPJOLodI/?igsh=b2I5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em 04 de novembro

ou "óbvias" (*"fechar a boca"*) reforça uma lógica disciplinar que opera no biopoder, moldando corpos e comportamentos através de normas implícitas de conduta.

Ademais, o enunciado contém uma série de marcas discursivas que revelam um julgamento moral sobre os sujeitos que recorrem ao medicamento. A frase *"só tem um remédio pra emagrecer é fechar a boca"* reproduz a ideia de que o controle do corpo é uma questão exclusivamente de disciplina individual, ocultando, por meio dessa simplificação, os fatores estruturais, sociais e biológicos que envolvem questões de saúde e obesidade. Essa visão é característica de práticas discursivas que desqualificam alternativas terapêuticas como o uso de medicamentos e reforçam uma narrativa normativa sobre o corpo ideal e os meios para alcançá-los. O sujeito, ao desconsiderar as complexidades envolvidas e ao priorizar uma explicação reducionista, evidencia a articulação do discurso com relações de poder que atravessam os saberes e produzem sujeitos ajustados a certas expectativas sociais. Desse modo, percebemos que as condições de possibilidade sobre a medicalização dos corpos femininos se dão através do processo de emagrecimento, no qual as mulheres buscam se encaixar no padrão imposto pela sociedade, como veremos no tópico a seguir.

3.2 As condições de possibilidade dos discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos

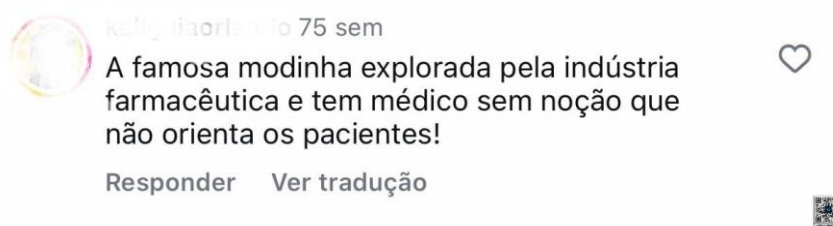
Para compreender as condições de possibilidade dos discursos relacionados à medicalização dos corpos gordos femininos é necessário situá-los dentro do campo da biopolítica, no qual a gestão dos corpos e das populações se torna central. A emergência da medicina moderna, com ênfase na normatização e na categorização dos corpos, oferece o estigma necessário para que corpos gordos sejam interpretados como desvios em relação aos padrões estéticos e de saúde idealizado. Essa normatividade é construída e perpetuada por discursos médicos que, ao definir o que é saudável ou patológico, "a condição de doença atribuída à obesidade a transforma em um problema de saúde pública, apesar de vivida individualmente e cuja responsabilidade é, em grande medida, individualizada" (Costa, 2015, p. 45). Portanto, a medicina exerce um poder regulador sobre os corpos, especialmente, sobre os femininos, vistos como espaços de controle duplo: da saúde e da estética. O corpo gordo, nesse contexto, é capturado por uma matriz

discursiva que associa o peso ao risco, não apenas à saúde individual, mas à produtividade social, reforçando assim uma lógica capitalista e patriarcal que instrumentaliza a ideia de normalidade.

Além disso, os discursos sobre a medicalização dos corpos gordos femininos não operam de forma isolada, mas em articulação com saberes e práticas sociais mais amplas, como a indústria da dieta, a mídia e os ideais de beleza. O olhar foucaultiano nos permite identificar como essas instituições e discursos interagem para constituir uma "verdade" sobre o corpo gordo, que acaba por naturalizar intervenções médicas e cirúrgicas como formas legítimas de controle corporal. A feminilidade, nesse contexto, é moldada por uma retórica que exige conformidade com padrões específicos, relegando a gordura feminina a uma posição de anormalidade que precisa ser corrigida.

Assim, a medicalização não apenas constrói um corpo ideal como também reforça desigualdades de gênero, promovendo uma vigilância constante sobre os corpos das mulheres. Dessa forma, compreender os discursos médicos sobre os corpos gordos femininos exige uma análise crítica das relações de poder e das práticas que os sustentam, revelando sua função normativa e disciplinadora na sociedade contemporânea. Vejamos o enunciado a seguir:

Figura 8 – Comentário 4



Fonte: Instagram @vejanoinsta¹²

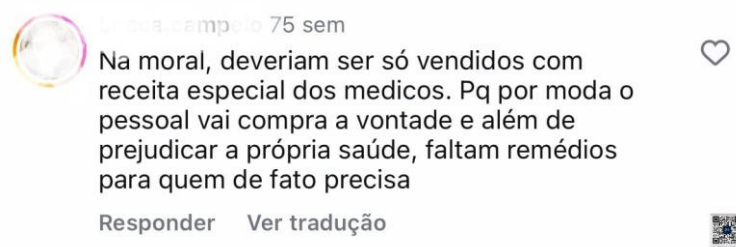
No enunciado, apresentado na figura 8, ao ser dito “a famosa modinha explorada pela indústria farmacêutica” é denunciado um processo em que as práticas médicas e farmacêuticas se articulam com normas culturais que promovem determinados ideais corporais, pois “uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (Foucault, 2015, p. 156). Neste caso, o uso do termo “modinha” implica dizer que o uso de medicamentos

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqyGPJOLodI/?igsh=b2l5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em 04 de novembro de 2024.

como o *ozempic* para emagrecimento transcende a necessidade médica e adentra o campo das imposições sociais e econômicas, no qual o corpo magro é valorizado e a obesidade é estigmatizada. O enunciado reflete, assim, as condições de possibilidade que permitem à indústria farmacêutica explorar um desejo socialmente construído de emagrecimento, legitimado pelo discurso médico.

Além disso, a crítica ao papel dos médicos no enunciado “*médico sem noção que não orienta os pacientes*” evidencia as relações de poder que configuram as práticas médicas. O médico, como figura de autoridade, possui o poder de definir o que é considerado normal ou anormal. Porém, o comentário sugere uma falha nesse exercício de poder, ao insinuar que determinados médicos reproduzem sem reflexão as dinâmicas de medicalização impostas pela indústria. Isso reforça como a subjetividade médica também é capturada pelas forças de mercado e pelas normas sociais, contribuindo para a manutenção de discursos que subordinam corpos femininos às práticas de controle e transformação. Vejamos mais comentário relacionado ao uso do *ozempic*.

Figura 9 – Comentário 5



Fonte: *Instagram* @vejanoinsta¹³

No comentário, demonstrado na figura 9, a seguidora da página da revista Veja discute sobre a necessidade de o *ozempic* ser vendido somente com prescrição médica, destacando que muitas pessoas estão comprando e utilizando o medicamento de forma inadequada, o que acaba gerando uma série de problemas. Esse uso incorreto não só representa um risco para a saúde dessas pessoas, que podem sofrer efeitos colaterais graves ou não alcançar os resultados esperados, como também provoca a falta do medicamento nas farmácias. Essa escassez afeta diretamente aqueles que realmente precisam da medicação, como os pacientes com

¹³ Disponível em <https://www.instagram.com/p/CgyGPJOLodI/?igsh=b2I5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em 4 de novembro de 2024.

diabetes tipo 2, que dependem do *ozempic* para o controle glicêmico e para evitar complicações graves de saúde.

O sujeito ressalta ainda que o uso irresponsável do medicamento, muitas vezes, para fins estéticos ou de emagrecimento rápido, reflete uma falta de conscientização sobre sua real finalidade e importância no tratamento de condições crônicas. Assim, reforça a ideia de que a venda controlada, exclusivamente com prescrição médica, é uma medida necessária para garantir que o medicamento esteja disponível para quem realmente precisa e para evitar o uso indevido que pode trazer prejuízos à saúde pública. Esse argumento traz consigo uma implicação importante: ao afirmar que o uso indiscriminado desses medicamentos pode prejudicar a saúde, o enunciado estabelece uma relação de controle, em que o médico e o sistema de saúde se tornam responsáveis por regular o acesso e uso de substâncias que impactam o corpo e a saúde, reforçando, assim, o poder biomédico sobre os corpos e suas práticas.

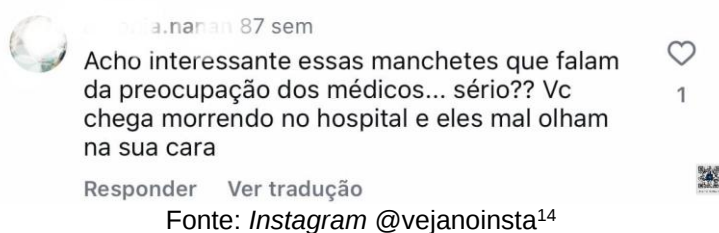
O enunciado, ao sugerir que os medicamentos deveriam ser prescritos apenas por médicos, delimita uma fronteira de acesso que separa os corpos "adequados" dos "inadequados" para o consumo desses produtos, estabelecendo quem está apto ao uso do medicamento. O "modismo" mencionado no comentário reflete uma crítica à apropriação de medicamentos como ferramentas de transformação corporal sem a orientação profissional, mas, implicitamente, também contribui para a noção de que o corpo gordo, sobretudo o feminino, precisa ser corrigido e monitorado. Essa condição se torna um "problema médico", necessitando de intervenção para ser disciplinado, revelando o papel do discurso médico na definição do que é saudável ou desejável.

Por fim, ao invocar a ideia de que a falta de medicamentos é uma consequência do uso irracional ou modista, o enunciado também reforça uma concepção de escassez como um problema social e moral, em que os corpos gordos que não seguem a prescrição médica podem ser vistos como irresponsáveis. Dessa forma, cria-se uma narrativa na qual o controle da saúde pessoal transcende o individual e se torna uma questão coletiva, justificando a necessidade de regulamentação. Assim, o discurso opera de maneira a reforçar a legitimação de uma hierarquia, em que o saber médico ocupa um lugar central. Desse modo, os corpos que buscam a medicalização para fins estéticos são criticados por não se enquadrarem nos limites impostos pelo discurso médico, evidenciando a

medicalização como uma ferramenta de controle e normatização dos corpos na sociedade.

Por outro lado, seguidores têm levantado questionamentos sobre o aparente descaso do Ministério Público em relação à ausência de uma regulamentação mais rígida para a venda do *ozempic*, que vem sendo amplamente utilizado como auxiliar no emagrecimento. Essa lacuna regulatória é vista por muitos como um fator que contribui para a banalização de seu uso, especialmente em um contexto em que questões de saúde pública são, frequentemente, sobrepostas por interesses mercadológicos. Além disso, há um crescente debate ético e profissional em torno da conduta de médicos que recomendam o medicamento para finalidades estéticas ou de controle de peso, muitas vezes, ignorando os riscos associados e a falta de estudos que comprovem sua segurança e eficácia para tais fins. Essa prática, por um lado, evidencia a pressão social em torno de padrões corporais idealizados e, por outro, ressalta a necessidade de maior responsabilidade médica e uma atuação mais incisiva dos órgãos reguladores para proteger a população de potenciais danos à saúde. O tema, portanto, não apenas levanta preocupações sobre os limites éticos na prática clínica, mas também convida à reflexão sobre como as lacunas relacionadas às regulamentações podem fomentar a medicalização de questões que, em muitos casos, têm raízes sociais e culturais mais profundas. Vejamos o comentário da figura 10

Figura 10 – Comentário 6



Fonte: *Instagram* @vejanoinsta¹⁴

A materialidade do enunciado reflete as condições de possibilidade de um discurso marcado por relações de poder, conhecimento e subjetividade. Todo discurso é atravessado por regras que determinam o que pode ser dito, quem pode dizer e quais as consequências do que é dito. No caso do enunciado, apresentado

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqyGPJOLodI/?igsh=b2I5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em: 12 de dezembro de 2024

na figura 10, percebe-se um tensionamento com o discurso hegemônico que construiu a figura do médico como sinônimos de cuidado e empatia. A crítica à indiferença médica revela uma ruptura com as normas discursivas dominantes e abre espaço para questionar as práticas de saúde institucionalizadas.

Além disso, o enunciado traz à tona as condições sociais que permitem a sua formulação. Ele emerge de uma experiência vívida ou compartilhada por indivíduos que se sentem desassistidos em momentos de vulnerabilidade extrema. Essa narrativa é possibilitada por um contexto em que as instituições de saúde, cada vez mais burocratizadas e sobrecarregadas, são percebidas como distantes das necessidades dos pacientes. O enunciado também ilustra como os sujeitos se posicionam dentro dessas estruturas discursivas: o autor da mensagem utiliza o discurso para desafiar e deslegitimar a posição de autoridade dos médicos, revelando uma resistência cotidiana que não necessariamente subverte o sistema, mas questiona suas práticas.

Nesse caso, a comercialização do *ozempic* para fins estéticos é possibilitada por uma conjunção de práticas discursivas e não discursivas que normalizam o consumo excessivo de medicamentos, enquanto invisibilizam os riscos e as suas implicações. O comentário, ao problematizar essa conjuntura, expõe as condições que sustentam tais práticas, revelando uma tensão entre saberes médicos, interesses econômicos e a função protetiva do Estado.

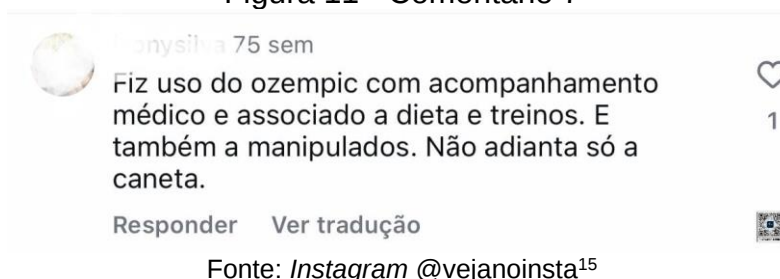
3.3 Poder e Verdade: a influência na medicalização dos corpos gordos femininos

Foucault (2014) em "*A Ordem do Discurso*" descreve a "vontade de verdade" como um mecanismo histórico e institucional que estrutura e delimita o conhecimento em uma sociedade. Para o referido autor, essa vontade não se refere apenas a uma busca universal e desinteressada pela verdade, mas constitui um sistema de exclusão e controle que molda o discurso. Historicamente, surge com a separação entre o discurso verdadeiro e o falso, transformando a verdade de uma propriedade ligada ao ato de enunciação para algo relacionado ao conteúdo do enunciado.

Essa vontade, sustentada por instituições como a ciência e os sistemas editoriais, não apenas organiza a produção do saber, mas também exerce pressões

coercitivas sobre outros discursos, estabelecendo normas que delimitam o que pode ser dito, por quem e sob quais condições. Assim, a "vontade de verdade" serve para manter uma ordem discursiva que reforça relações de poder e exclusão, ao mesmo tempo em que mascara seus próprios mecanismos sob a aparência de neutralidade ou inevitabilidade histórica. Com isso, nota-se que cada sujeito possui a sua própria verdade. Desta forma, mesmo com as contraindicações do uso do *ozempic* para fins estéticos, há relatos de sujeitos que fizeram uso do medicamento e não tiveram complicações em sua saúde, como pode ser visto no enunciado a seguir:

Figura 11 - Comentário 7



Fonte: Instagram @vejanoinsta¹⁵

O sujeito do enunciado não apenas descreve sua experiência com o uso de *ozempic*, mas estabelece um regime discursivo em que torna válida a eficácia do medicamento somente sob condições específicas: acompanhamento médico, dieta, treinos e o uso de manipulados. O que emerge desse discurso é a tentativa de delimitar o que pode ser considerado "verdadeiro" no processo de emagrecimento, o que posiciona a experiência individual como uma forma de autoridade que dialoga com saberes médicos e de práticas de saúde amplamente legitimadas. Assim, há uma inscrição do sujeito dentro de um campo de discursos que disciplinam o corpo e a saúde, conferindo ao enunciado um peso normativo.

Essa vontade de verdade se manifesta na negação de uma solução simplista e universal, "*não adianta só a caneta*", ao mesmo tempo em que reforça a dependência de um conjunto de práticas e saberes institucionalizados. Sob o olhar foucaultiano, podemos compreender essa negação como um esforço do sujeito enunciator para afastar sua experiência de um discurso hegemônico que banaliza o uso de medicamentos para perda de peso. Em vez disso, há a reafirmação de um discurso que demanda responsabilidade, esforço e controle, elementos que

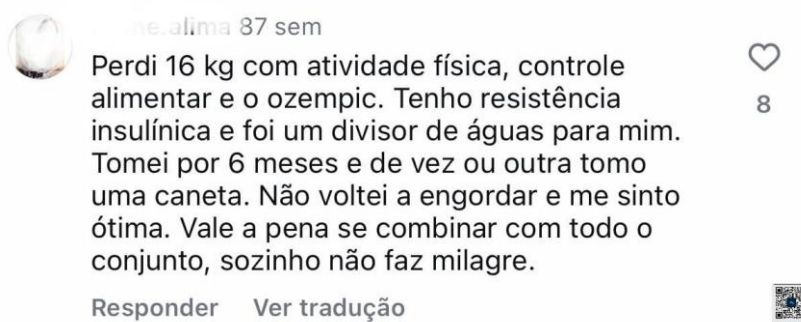
¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqyGPJOLodI/?igsh=b2l5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em 04 de novembro de 2024.

dialogam com tecnologias de poder voltadas para a autogestão e a normatização do corpo. Assim, o sujeito situa-se simultaneamente como portadora de um saber singular e como reforçadora de um sistema de verdades que privilegia a ciência médica e a moralidade do esforço pessoal.

Por fim, o enunciado articula-se a um campo de práticas discursivas que reitera valores contemporâneos sobre saúde, disciplina e desempenho corporal. Ao compartilhar sua experiência, a autora reivindica para si uma posição de sujeito ético, que atua em conformidade com os preceitos de um corpo saudável e controlado, enquanto participa da circulação de verdades que regulam as práticas e os corpos de outros. Esse gesto discursivo é, portanto, mais do que uma declaração individual: é uma inscrição em redes de poder e saber que determinam o que é válido e eficaz no campo da saúde e da estética corporal. Dessa forma, o enunciado reforça a construção de uma verdade que não apenas normatiza, mas também engendra modos específicos de subjetivação.

Destacamos a seguir, na figura 12, um relato de um seguidor que ao fazer o uso do *ozempic* aliado a exercícios físicos e alimentação balanceada conseguiu uma perda de peso significativa, porém, ao parar de usar o medicamento não conseguiu se alimentar como antes e fez uso por pouco tempo, devido aos efeitos colaterais.

Figura 12 – Comentário 8



Fonte: *Instagram @vejanoinsta*¹⁶

O enunciado, centrado na experiência de perda de peso mediada por atividade física, controle alimentar e o uso do medicamento Ozempic, constrói um regime de verdade sobre a saúde, o corpo e a prática farmacológica. Foucault (2014) sugere que os discursos não são meros veículos de comunicação, mas práticas que produzem efeitos de verdade e poder. Assim, o comentário opera como

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqyGPJOLodI/?igsh=b2l5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em 12 de dezembro de 2024

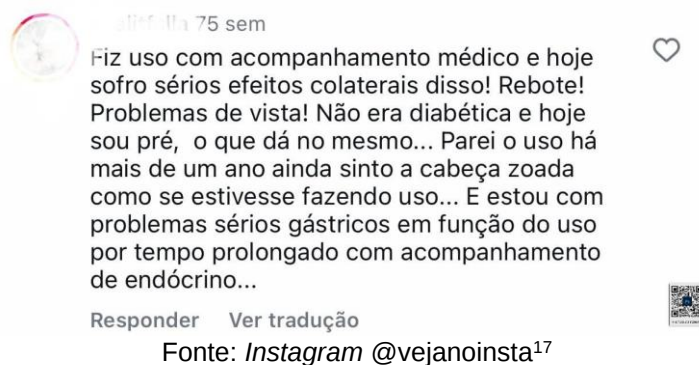
uma estratégia discursiva em que o corpo saudável é definido não apenas como resultado de práticas naturais (exercício e alimentação), mas também pela incorporação de tecnologias biomédicas. Essa articulação é explicitada no trecho "*Tomei por 6 meses e de vez ou outra tomo uma caneta*", no qual o medicamento surge como um instrumento técnico indispensável ao alcance da normatividade corporal.

Sob as condições de possibilidade do discurso, observa-se como o regime biomédico configura os limites do que é considerado possível e eficaz para a perda de peso. O uso de termos "*divisor de águas*" reforça a posição do medicamento como catalisador e legitima uma biopolítica do corpo saudável que combina práticas individuais com a intervenção médica. A menção à "*resistência insulínica*" ancora o discurso na autoridade científica e médica, produzindo um sujeito que se enuncia a partir de um saber legitimado, que define o medicamento como necessário e parte de um esforço conjunto para alcançar uma saúde ideal. Este aspecto ressalta como as verdades são construídas por meio de discursos que delimitam práticas e orientam condutas, tanto individuais quanto coletivas.

Por fim, a materialidade presente no enunciado também ilustra um aspecto normativo do discurso que reforça a ideia de disciplina e autocontrole como requisitos indispensáveis para a manutenção do corpo saudável. A frase "*Vale a pena se combinar com todo o conjunto, sozinho não faz milagre*" aponta para a necessidade de um sujeito ativo, engajado e disciplinado. Assim, o enunciado evidencia como o discurso configura os sujeitos não apenas no nível do saber, mas também das práticas e responsabilidades, integrando a dimensão médica (o uso do Ozempic), social (controle alimentar) e individual (atividade física) em um regime normativo que orienta condutas e define os limites do aceitável e desejável.

Nesse contexto, ainda destacamos o relato de uma sujeita que fez o uso do medicamento acompanhada por um médico e, mesmo assim, houve danos a sua saúde. A mulher relata que após o uso se tornou pré-diabética e desenvolveu problemas gástricos e psicológicos, como pode ser visto no enunciado a seguir.

Figura 13 – Comentário 9



O enunciado reflete uma construção de verdade do sujeito sobre os danos decorrentes do uso do medicamento *ozempic*, que é evidenciado pela sua experiência pessoal e pelos efeitos descritos em detalhes. A vontade de verdade, no sentido foucaultiano, é aqui articulada por meio de uma narrativa que combina aspectos de saúde física e psicológica, criando uma verdade que é subjetiva e legitimada pela vivência do sujeito. Ao afirmar, por exemplo, “*fiz uso com acompanhamento médico e hoje sofro sérios efeitos colaterais disso*”, inicia-se o discurso ancorado em uma posição de autoridade e validação médica, mas logo o desloca para uma crítica ao resultado do tratamento, colocando em questão a eficácia e segurança do acompanhamento médico convencional.

No enunciado, a autora enumera consequências específicas, como “*rebote*”, “*problemas de vista*” e a evolução de sua condição para “*pré-diabética*”, construindo um discurso de sofrimento e vulnerabilidade. Essa narrativa sugere uma percepção de perda de controle sobre sua própria saúde, acentuado pelo enunciado “*parei o uso há mais de um ano e ainda sinto a cabeça zoada como se estivesse fazendo uso*”. A escolha das palavras e o tom confessional evidenciam uma tentativa de validar sua experiência por meio da descrição detalhada dos sintomas, o que reforça a ideia de que sua verdade é construída a partir de uma luta contínua contra os efeitos do medicamento. Esse processo de verbalização e compartilhamento também pode ser visto como uma forma de resistência, questionando as normativas médicas e farmacológicas que ela seguiu anteriormente.

Por fim, ao mencionar que está “*com problemas sérios gástricos em função do uso por tempo prolongado com acompanhamento de endócrino*”, são discutidos os limites da autoridade médica, colocando em xeque o poder disciplinar que rege

¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqyGPJOLodI/?igsh=b2l5aHZtdWQxcnd3>. Acesso em 04 de novembro de 2024

os corpos e a saúde no contexto contemporâneo. O enunciado em análise exemplifica como a vontade de verdade se materializa em discursos que questionam as práticas instituídas, como a medicalização excessiva, expondo tensões entre saberes médicos e vivências pessoais. Nesse sentido, o sujeito se posiciona não apenas como uma vítima, mas também como uma voz crítica que desafia os discursos hegemônicos, iluminando as falhas e os riscos associados às prescrições consideradas seguras. Assim, seu discurso não apenas denuncia os danos sofridos, mas também revela uma busca por autonomia e reconhecimento de sua experiência como uma verdade legítima.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo feminino sofre, frequentemente, com as imposições feitas pela sociedade, que estabeleceu a ideia de que apenas os corpos magros são considerados bonitos. Com isso, mulheres têm se submetido a utilizarem métodos de emagrecimento rápido como o *ozempic*, para serem aceitas. Diante disso, os discursos sobre a medicalização dos corpos atualmente tem ganhado visibilidade na mídia, devido ao aumento em sua procura. Desse modo, é possível identificar as relações de poder que normatizam e disciplinam os corpos para se adequarem ao padrão exigido.

Diante do exposto, esta pesquisa investigou os discursos sobre a medicalização do corpo gordo feminino através do uso do *ozempic* em comentários no *Instagram* publicados a partir do perfil da revista *Veja* que podem influenciar no padrão estético feminino. Perante este objetivo, este estudo revelou que os discursos relacionados à medicalização do corpo gordo feminino são sustentados através das relações de poder impostas às sujeitas, que, ao serem submetidas às normas vigentes, buscam se adequar aos padrões estéticos considerados ideais.

A imposição estética reforça um ciclo de exclusão social e discriminação, em que o corpo gordo é visto como desvio ou inadequação, sendo constantemente alvo de intervenções normativas. Tal processo evidencia como as relações de poder estão interligadas aos discursos médicos, culturais e midiáticos, que operam na manutenção das hierarquias sociais, dominando e disciplinando os corpos, especialmente os femininos. Nesse sentido, a medicalização não é apenas um reflexo de preocupações com saúde, mas também um instrumento de controle que legitima e perpetua desigualdades estruturais, ao desconsiderar a diversidade corporal e reforçar ideais estéticos historicamente construídos.

Com isso, é possível afirmar que esta pesquisa contribuiu para compreender o processo da medicalização e as lutas que as mulheres enfrentam sobre os direitos relacionados aos seus próprios corpos. Além disso, contribuiu para a formação da pesquisadora, que por ser mulher e gorda vivencia esta luta. Diante disso, é importante apontar que o trabalho que desenvolvemos demanda muitas análises e apresenta lacunas para serem aprofundadas em pesquisas posteriores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Beatriz Souza; MILANEZ, Nilton. O corpo de divas pop brasileiras discursos e saberes em *reacts* no youtube. *In*: BRAGA, Joaquim; FERNANDES, Rafael; TASSO, Ismara, Orgs. **Michel Foucault e os discursos do corpo**. 1 ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 289 – 312.

BRAGA, Joaquim; FERNANDES, Rafael; TASSO, Ismara, Orgs. **Michel Foucault e os discursos do corpo**. – 1 ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

BRANDÃO, Eduardo de Lima Junior. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. Artigo. v. 20 n. 44 (2021): **Cadernos da Fucamp**. Disponível em: <https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356> Acesso em 12 de Jul. de 2024

COSTA, Deyvisson Pereira da. *Blogs terapêuticos e discursos biopolíticos*. *In*: SOUSA, Katia Meneses de; PAIXÃO, Humberto Pires da, Org. **Dispositivos de saber/poder em Michel Foucault**: biopolítica, corpo e subjetividade. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015. p. 43 - 65

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Editora: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugurada no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber, tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 3ª ed. – São Paulo, Terra e Paz, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. de Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo*. *In*: **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, 2015.

MARQUES, Welisson. O método arqueogenealógico na análise do discurso: o potencial sujeito aprendiz e aprendizagem de língua inglesa no discurso publicitário-institucional. Artigos de Pesquisa. **(dis)curso 16 (2)**, Ago 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-160204-3115>. Acesso em 12 de jul. de 2024

PEREIRA SILVA, Débora Caruline. **Os discursos de ódio contra o corpo gordo feminino no Instagram**: dos estereótipos às resistências. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem). Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Mossoró, 2020.

PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2019.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais** / Judith Revel; Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. – São Carlos: Claraluz, 2005.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Rev. Adm.** UFSM, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/view/1555/863>. Acesso em 12 de Jul. de 2024

SANTOS, Rosimeire Fernandes; DEUNER, Melissa Cardoso. Riscos associados ao uso indiscriminado da semaglutida (ozempic). **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Ano 7, Vol. VII, n.14, jan.-jun., 2024

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

ZIMMERER, Elizete Neves; *et al.* Os efeitos do uso do ozempic (semaglutida) no tratamento da obesidade. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v.13, 2023 ISSN 2178-6925